

**Redescoberta do jupará, *Potos flavus* Schreber, 1774  
(CARNIVORA: PROCYONIDAE) no Estado de Minas Gerais,  
Sudeste do Brasil**

\*Fabiano Rodrigues de Melo<sup>1,2</sup>, Elaine Ferreira Barbosa<sup>3</sup>,  
\*\*Sílvia Lucília Fonseca de Souza<sup>4</sup>, Daniel da Silva Ferraz<sup>4</sup>,  
Érica dos Reis Rodes<sup>4</sup>, Sara Machado de Souza<sup>4</sup>,  
Michel Barros Faria<sup>4</sup>, Marcello da Silva Nery<sup>4</sup>,  
Braz Antonio Pereira Cosenza<sup>1,2</sup> & Fernando Silva Lima<sup>5</sup>.

RESUMO: Obtivemos cinco registros de jupará (*Potos flavus*) durante levantamento da mastofauna realizado em dois fragmentos florestais, a “RPPN Marcos Vidigal Vasconcelos”, situada no município de Tombos, Minas Gerais e a “Mata do Banco”, localizada entre os municípios de Tombos (MG) e Porciúncula, Rio de Janeiro, através de avistamentos e vocalizações. A primeira ocorrência registrada para essa espécie no estado de Minas Gerais foi em 1943, seis décadas atrás, com base em peles do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Portanto, são 60 anos sem registros em Minas Gerais e somente após uma publicação científica recente houve a confirmação de que essa espécie ocorria em território mineiro. Estudos mais detalhados sobre a mastofauna devem ser priorizados, especialmente em Unidades de Conservação e em áreas pouco exploradas já citadas em alguns documentos, como o Atlas de Áreas Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade de Minas Gerais e da Mata Atlântica e Campos Sulinos. Dessa forma, informações mais precisas sobre o *status* de conservação do jupará podem ser levantadas e auxiliar em estratégias conservacionistas para a espécie.

**Palavras-chave:** Mata Atlântica, jupará, Minas Gerais, *Potos flavus*, Procyonidae

---

\*Correspondência para: <sup>1</sup> Professor de Ciências Biológicas, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola, Universidade do Estado de Minas Gerais, Praça dos Estudantes, 23, Santa Emília, Carangola, MG, 36800-000; e-mail: frmelo@carangola.br;

<sup>2</sup> Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental – CECO, rua Caparaó, 122, Centro, Carangola, MG, 36800-000;

<sup>3</sup> Projeto “Conservação do miqui em Minas Gerais”, PROBIO/MMA, Fundação Biodiversitas, CECO, UFV e UEMG-Carangola;

<sup>4</sup> Estudante de Ciências Biológicas, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola, Universidade do Estado de Minas Gerais; \*\*Bolsista de Iniciação Científica (BIC) – Processo FAPEMIG CAM 50013/03;

<sup>5</sup> Pesquisador do Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ, Rod. Dom Pedro I, km 47, Nazaré Paulista, São Paulo, Caixa Postal 47, 12960-000.

**ABSTRACT: Rediscovery of kinkajou, *Potos flavus* Schreber, 1774 (CARNIVORA: PROCYONIDAE) in Minas Gerais State, southeastern Brazil.** We obtained five records of kinkajou (*Potos flavus*) during a mammal survey carried out in two forest fragments, ‘RPPN Marcos Vidigal Vasconcelos’ and ‘Mata do Banco’, in Tombos county, Minas Gerais and in Porciúncula, Rio de Janeiro, through sights and vocalizations. The first occurrence of this species on the state dates from 1943, six decades ago, based upon skins deposited in the National Museum of Rio de Janeiro. Therefore, 60 years have elapsed without records in Minas Gerais, and only after a recent scientific publication the species was confirmed in Minas Gerais State. More detailed studies about mastofauna must be prioritized, specially on conservation units and on less explored areas already mentioned in documents such as the ‘Atlas of Prioritized Areas on the preservation of Biodiversity of Minas Gerais and of Atlantic Forest and South countryside’. More research about kinkajou and its conservation status are crucial to protect it in Minas Gerais State.

**Key-words:** Atlantic Forest, kinkajou, Minas Gerais, *Potos flavus*, Procyonidae

O jupará ou macaco-da-noite (*Potos flavus*, Schreber 1774) é um procionídeo arbóreo com cauda preênsil, de hábitos noturnos e, normalmente, de hábitos solitários (Emmons & Feer, 1997). A coloração de seus pêlos é, predominantemente, avermelhada, podendo alguns espécimes apresentar uma faixa acinzentada no dorso. Mamífero essencialmente frugívoro, pode também vir a se alimentar de insetos e pequenos vertebrados (Emmons & Feer, 1997). Sua língua, porém, é uma clara adaptação à frugivoria (Emmons & Feer, 1997; Nowak, 1999). O comprimento da cabeça e do corpo varia entre 405 – 760 mm e sua cauda pode oscilar entre 392 – 570 mm (Nowak, 1999). Seu peso médio é 1,4 – 4,6 kg, sendo que o macho é normalmente maior do que a fêmea (Eisenberg & Redford, 1999).

Apesar de amplamente distribuído pela Floresta Amazônica (Emmons & Feer, 1997; Eisenberg & Redford, 1999), sua distribuição na costa atlântica brasileira é ainda incerta (Gonzaga & Rajão, 2002). Diversos registros pontuais demonstram que o jupará ocorria em toda a Mata Atlântica litorânea, desde os estados do nordeste até o extremo norte do Rio de Janeiro (Emmons & Feer, 1997; Gonzaga & Rajão, 2002).

Vieira (1952), por exemplo, cita sua ocorrência para o Estado de Alagoas. Já Wied (1826) tem registros importantes para o litoral da Bahia e Vivo (1997) e Chiarello (1999) citam a espécie para o estado do Espírito Santo. Ribeiro (1938) aponta a ocorrência de jupará para o Rio de Janeiro.

Gonzaga & Rajão (2002), após uma acurada análise das peles de *Potos flavus* depositadas no Museu Nacional do Rio de Janeiro descobriram a existência de três exemplares coletados em Minas Gerais, sendo duas peles datadas de 1943, cuja localidade é Além Paraíba, município do vale do Paraíba do Sul que faz divisa com o Estado do Rio de Janeiro. A terceira pele, sem indicação certa da localidade e sem data precisa de coleta, parece ter vindo da região de Passos, Minas Gerais, município próximo da divisa de estado com São Paulo (Gonzaga & Rajão, 2002).

Durante maio de 2003 a junho de 2004, realizamos diversas sessões de censos diurnos e noturnos, todas baseadas na metodologia clássica dos Transectos Lineares (Buckland *et al.*, 1993), em dois fragmentos florestais localizados no município de Tombos, Minas Gerais, divisa com Porciúncula, município localizado ao norte do Estado do Rio de Janeiro.

A Reserva Particular do Patrimônio Natural “Dr. Marcos Vidigal Vasconcelos” (doravante denominada RPPN – MVV), possui uma área aproximada de 305 ha, cujo ponto central de coordenadas geográficas é 20°53’44” Sul e 42°04’19” Oeste. A “Mata do Banco” (20°55’54” Sul e 42°06’07” Oeste) está situada mais ao sul, possui três fragmentos próximos que totalizam 110 ha e se encontra na divisa de estado com o Rio de Janeiro (Figura 1).

O clima predominante, de acordo com a classificação de Köppen, é o Aw (tropical), caracterizado por duas estações climáticas bem definidas: uma de outubro a abril, caracterizada por temperaturas mais elevadas e maiores precipitações pluviais e outra, de maio a setembro, período de estigem prolongada pelo clima seco do inverno (Nimer, 1989). O total pluviométrico médio é de 1.263 mm anuais e a temperatura média anual é da ordem de 24,5° C (IGA, 1980). A topografia é pouco variada, com predomínio de colinas com vales de fundo chato (IGA, 1980). A altitude média gira em torno de 360 metros ao nível do mar. De acordo com Veloso *et al.* (1991), ambas as áreas são caracterizadas pela tipologia Floresta Estacional Semidecidual e Cosenza (2003) afirma ter ocorrido um amplo processo de antropização na região, especialmente o corte seletivo.

Foram percorridos 54 km em trilhas e estradas adjacentes aos dois fragmentos. O censo conduzido permitiu identificar 25 espécies de mamíferos de médio e grande porte em ambas as áreas, incluindo o tatu-do-rabo-mole (*Cabassous tatouay*), o sagüi-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*), a lontra (*Lontra longicaudis*) e o macaco-da-noite ou jupará (*Potos flavus*).

Com relação a essa última espécie, obtivemos cinco registros na RPPN

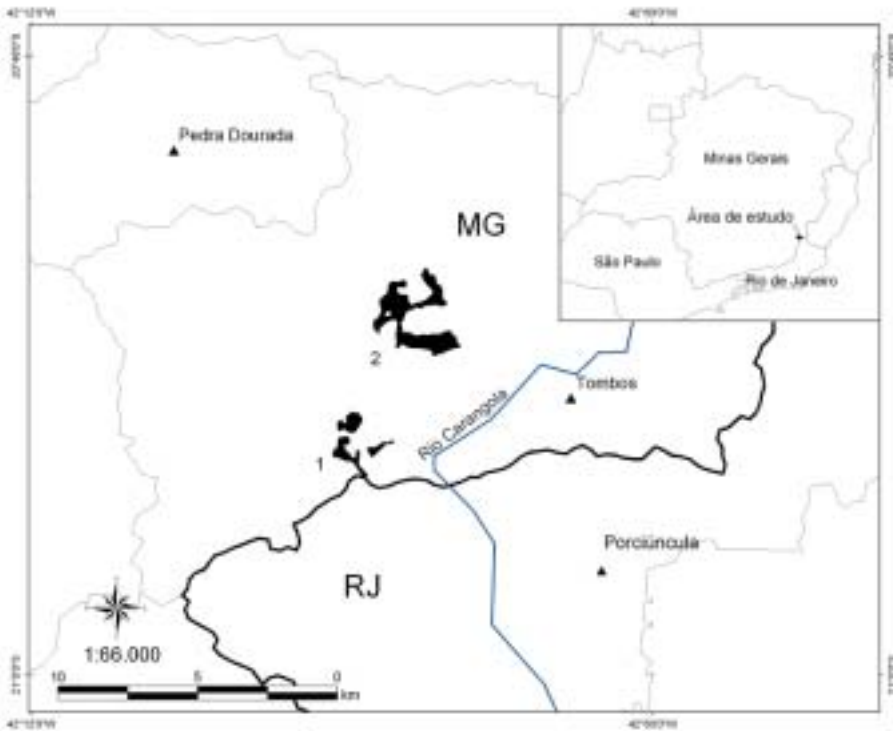


Figura 1. Mapa evidenciando os dois fragmentos florestais estudados em Tombos, Minas Gerais: “Mata do Banco” (1) e Reserva Particular do Patrimônio Natural “Dr. Marcos Vidigal Vasconcelos” (2).

– MVV, relatados a seguir: o primeiro encontro foi visual e se deu no dia 21/08/2003. O indivíduo foi observado por cerca de 45 min e estava a cerca de 20 m de distância dos pesquisadores. Por diversas vezes emitiu vocalização espontânea (confirmada pela voz de *Potos flavus* contida no CD *Sound of Neotropical Rainforest Mammals – An Audio Field Guide* de Emmons *et al.*, 1997). Em um segundo momento, em função das vozes emitidas pelo indivíduo visualizado no primeiro encontro, utilizamos a técnica de *playback*, fora do censo, mas próximo do local do primeiro encontro, na tentativa de facilitar a observação. Obtivemos sucesso na eliciação de resposta ao *playback*, onde o animal, possivelmente o mesmo indivíduo, respondeu ativamente ao *playback* e posteriormente se aproximou, o que nos permitiu um contato visual que perdurou por 30 min. O terceiro registro ocorreu novamente durante o

censo noturno, no dia 25/12/2003. Após o censo, nesse mesmo dia, voltamos a utilizar a técnica de *playback* e obtivemos sucesso na aproximação do indivíduo. No dia 09/12/2003 vimos, pela primeira vez, dois indivíduos durante o censo. Ambos ficaram sendo observados por 22 min, que não foram suficientes para permitir a identificação do sexo dos animais. Por fim, o último registro na RPPN-MVV foi feito esse ano, também, próximo à área dos encontros anteriores, no dia 25/06/2004, quando realizávamos uma aula prática com alunos do curso de Ciências Biológicas da FAFILE/UEMG, *campus* de Carangola.

Na “Mata do Banco”, apenas um encontro visual foi obtido durante todo o projeto. Esse encontro ocorreu no dia 26/03/2004, onde dois indivíduos foram observados se alimentando juntos em uma mesma árvore frutífera da família Moraceae. Obtivemos algumas fotos desses indivíduos, utilizando uma máquina digital Sony Mavica FD 75, com zoom digital de 10 vezes (640x480 pixels de resolução; Figura 2).

Em função das observações feitas por Gonzaga & Rajão (2002), destacamos esses registros como o reencontro da espécie *Potos flavus* para Minas Gerais, após seis décadas sem registros no campo. Portanto, devido à ausência de observações recentes, não há dados suficientes para incluir essa espécie na lista da fauna mineira ameaçada de extinção. A ausência de censos noturnos sistematizados em trabalhos envolvendo a mastofauna também pode levar à falsa impressão de que a espécie possui baixas densidades ou mesmo que é rara no estado. Independente disso, vale ressaltar que a sua distribuição esperada em Minas Gerais é naturalmente pequena e deve ser restrita aos limites do estado com o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, que sabidamente possuem populações confirmadas (Vivo, 1997; Gonzaga & Rajão, 2002). Ainda assim, o fato de Gonzaga e Rajão (2002) terem incluído *Potos flavus* para Minas Gerais com base nas peles observadas no Museu Nacional e a publicação ter saído recentemente, “impediu” que essa espécie pudesse ter tido seus *status* avaliado durante a elaboração da lista vermelha do estado de Minas Gerais (Machado *et al.*, 1998).

Esse nosso registro do jupará e de diversos mamíferos ameaçados de extinção nos fragmentos avaliados e situados no município de Tombos permitiu que a região pudesse ser incluída como de prioridade biológica “Extrema”, em um *workshop* recentemente realizado pela Fundação Biodiversitas e demais parceiros que reavaliou as áreas contidas no documento “Biodiversidade em Minas Gerais: um Atlas para sua conservação” (Biodiversitas, 1998; Biodiversitas, 2003).



Figura 2. Foto digital de um jupará (*Potos flavus*) tirada na “Mata do Banco”, Tombos, Minas Gerais, no dia 26 de março de 2004, às 19:50 h (Foto: Érica dos Reis Rodes) (A), e de outro indivíduo fotografado na mesma localidade e data, às 20:00 h (Foto: Sílvia Lucília Fonseca de Souza) (B). Ambas fotos foram obtidas durante “censo”.

Estudos mais precisos sobre a biologia da espécie nesses fragmentos florestais avaliados que possam ser comparados com outros estudos na região da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica são de extrema importância para uma melhor compreensão do *status* dessas populações relictuais. Além disso, os diversos inventários de fauna em regiões limítrofes do estado devem ser priorizados, reforçando o uso de censo noturno, especialmente nos vales do Mucuri e Jequitinhonha, onde diversos remanescentes de Mata Atlântica que abrigam uma rica mastofauna foram identificados (Melo, 2004).

### Agradecimentos

Somos especialmente gratos ao proprietário da RPPN – MVV, João Vidigal e “Dona Francisca”, quem muito nos auxiliou durante os trabalhos de campo na “Mata do Banco”. Muito somos gratos também pela ajuda essencial oferecida por diversos alunos do curso de Ciências Biológicas da FAFILE/UEMG, em especial Tatiana Lopes Silva, Rodrigo da Penha, Roberto Ferraz, Gustavo Perucci e Mariane Kaiser. Agradecemos também os revisores anônimos e ao Dr. Adriano G. Chiarello pelo incentivo e pela correção do resumo em inglês, além das sugestões feitas. Esse projeto foi parcialmente financiado pela Fundação Fafile de Carangola e pela FAPEMIG, através da concessão de uma bolsa de iniciação científica à aluna Sílvia L. F. de Souza (CAM 50013/03).

### Referências Bibliográficas

- BIODIVERSITAS, F. 1998. *Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação*. Belo Horizonte, Minas Gerais. 94 p.
- BIODIVERSITAS, F. 2003. *Revisão do Atlas de Áreas Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade de Minas Gerais*. Web site: <<http://www.biodiversitas.org.br/atlas/index.htm>>.
- BUCKLAND, S. T.; ANDERSON, D. R.; BURNHAM, K. P. e LAAKE, J. L. 1993. *Distance Sampling. Estimating the Abundance of Biological Populations*. Chapman & Hall, London.
- CHIARELLO, A. G. 1999. Effects of fragmentation of the Atlantic forest on mammal communities in south-eastern Brazil. *Biol. Conserv.* **89**: 71-82.
- COSENZA, B. A. P. 2003. *Fitossociologia e florística em um trecho de*

- Mata Atlântica Estacional Semidecidual*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Botânica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais.
- EISENBERG, J. F. e REDFORD, K. H. 1999. *Mammals of the Neotropics: the Central Neotropics, Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil – Vol. 3*. The University of Chicago Press, Chicago, USA. 609 p.
- EMMONS, L. H. e FEER, F. 1997. *Neotropical Rainforests Mammals. A Field Guide, Second Edition*. The University of Chicago Press, Chicago. 307 p.
- EMMONS, L. H.; WHITNEY, B. M. e ROSS, D. L. 1997. *Sounds of Neotropical Rainforest Mammals, An Audio Field Guide*. Library of Natural Sounds, Cornell Laboratory of Ornithology, Ithaca, New York.
- GONZAGA L. P. e RAJÃO H. 2002. Distribution of the Kinkajou *Potos flavus* (Procyonidae, Carnivora) in the Atlantic forest region of eastern Brazil. *Mammalia* 66 (1): 123 – 127.
- INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADA - IGA. 1980. *Mapa do município de Tombos, MG - escala 1:50.000*. Impressão 5ª DL/DSG/ME.
- MACHADO, A. B. M., FONSECA, G. A. B., MACHADO, R. B., AGUIAR, L. M. S. e LINS, L. V. 1998. *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas para Conservação da Diversidade Biológica, MG. 608 p.
- MELO, F. R. 2004. *Primatas e áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade no vale do rio Jequitinhonha, Minas Gerais*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre, ICB / UFMG, Belo Horizonte. 167pp + Anexos.
- NIMER, E. 1989. *Climatologia do Brasil*. 2ª ed. IBGE. Rio de Janeiro.
- NOWAK, R. M. 1999. *Walker's mammals of the World – Sixth Edition. Vols. I and II*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press. 1936 p.
- RIBEIRO, A. M. 1938. Considerações preliminares sobre zoogeographia brasileira. *O Campo, março 1938*: 60-64.
- VELOSO, H. P.; RANGEL FILHO, A. L. R. e LIMA, J. C. A. 1991. *Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal*. IBGE. Rio de Janeiro, RJ.
- VIEIRA, C. da C. 1952. Sobre o “jupará” do nordeste do Brasil (*Potos flavus nocturnus* (Wied)). *Pap. Av. Zool. S. Paulo* 11: 33-36.



- VIVO, M. de. 1997. Mammalian evidence of historical ecological change in the Caatinga semiarid vegetation of northeastern Brazil. *J. Comp. Biol.* **2**: 65-73.
- WIED, M. zu. 1826. *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*. II Band. Landes Industrie Comptoirs, Weimar.